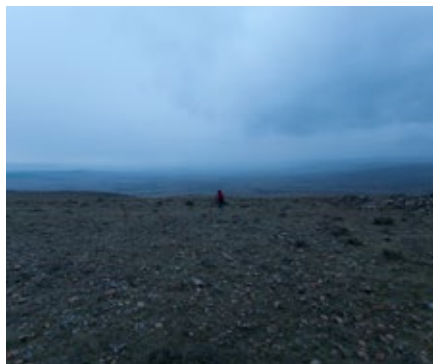


Sete Círculos

Os Limites da Cidade

© Duarte Belo



8 de setembro

18h30 Apresentação do Projecto *Sete Círculos*, Eduardo Costa Pinto

18h40 *Os Passos em Volta*,

José Sarmiento de Matos

19h *A Circunvalação Dissolvida*,

Gonçalo Byrne

19h20 *Sintaxe Urbana*, Francesc Muñoz

19h40 Debate (moderado por João Nunes)

15 de setembro

18h30 Apresentação do Projecto *Sete Círculos*, Pedro Campos Costa

18h40 *Circulando por Círculos Imperfeitos*, Mário Alves

19h *A voz de uma natureza domesticada e mais alguns artefactos*, Olivia Bina

19h20 *Sem limites: a metrópole híbrida*, Eduardo Brito-Henriques

19h40 Debate

*Por isso não trataremos aqui senão dos limites que no volver dos séculos tem apresentado a Cidade de Lisboa, da banda da terra.*¹

O espaço urbano transformou-se num espaço heterogéneo, sem limites físicos precisos, aterritorial, como diz Francesc Muñoz, ou desligado da sua própria geografia, como defende o arquiteto americano Michael Sorkin. Seja pela distância de onde nos chegam os produtos que

consumimos, seja pelo alcance dos nossos movimentos pendulares quotidianos, ou ainda pela velocidade de comunicação com o outro lado do mundo à distância de um *click*, no contexto contemporâneo, a escala e complexidade das nossas ações torna difícil a leitura e a perceção dos limites destes espaços. E com isso, perdemos «a noção de como a cidade é fruto de uma situação e está presa ao “em-torno” por feixes de tubos, fios, valas e caminhos por onde circulam os fluxos de matéria e energia que sustentam o metabolismo urbano.»²

Desenvolvendo-se ao longo de duas sessões, a conferência pretende questionar os limites da cidade contemporânea a partir de uma nova leitura sobre a paisagem e o território de Lisboa. Qual a ideia de centro? Onde está o limite entre espaço rural e espaço urbano? São algumas das questões que os autores do Projecto Sete Círculos, Pedro Campos Costa e Eduardo Costa Pinto, procuram investigar e colocar em diálogo, com a participação dos oradores José Sarmiento de Matos, Gonçalo Byrne, Francesc Muñoz, Mário Alves, Olivia Bina, Eduardo Brito-Henriques, e moderação de João Nunes.

1. Silva, A. V. (1941) *Os Limites de Lisboa*. Lisboa: Minerva, p. 3.

2. Brito-Henriques, E. (2016) “Sem Limites”, in Costa, P. C., Pinto, E. C. (Ed.) *Sete Círculos*. Porto: Circo de Ideias, p. 216.

Os passos em volta

José Sarmiento de Matos

A primeira reminiscência que se poderá evocar relativa à centralidade de Lisboa remonta ao período fenício/púnico, quando uma mescla de povos mediterrânicos, sob a tutela de Cartago, faz surgir a nova cidade de *Olisipo*, recolhida no sossego do estuário do Tejo. Esta “arquitetura” púnica do território da bacia do Tejo ficará na memória e,

por certo, na prática sequente dos diversos períodos históricos conhecidos – romano, cristão e muçulmano – para ressurgir, quase intacta, e de forma inesperada, após a reconquista cristã, de 1147. E esta leitura unitária do território em torno do estuário, no fundo anunciando a realidade hoje consagrada da Área Metropolitana de Lisboa, será realçada de forma nítida quando D. Fernando decide construir a Cerca Nova, em 1373. Este momento chave da história da cidade, com repercussões sequentes nem sempre bem avaliadas pela historiografia, encontra-se bem descrito por Fernão Lopes, em longo capítulo da *Crónica de D. Fernando*. De facto, é sempre bom repetir que, no caso de Lisboa, é a Geografia que esquematisa os trilhos onde a História acontece.

A Circunvalação Dissolvida

Gonçalo Byrne

O Círculo das Colinas, como Pedro Campos Costa e Eduardo Costa Pinto o designaram, corresponde à antiga estrada da circunvalação (século XIX), outrora uma importante via que delimitava o perímetro urbano da cidade de Lisboa, separando-a da área considerada rural. Com o rápido crescimento e consequente desenvolvimento, esta estrada ficou dissolvida, mas, da sua evolução e transformação, conseguimos depreender os vários fenómenos urbanos que ocorreram na cidade de Lisboa, desde a expansão e implantação de troços de cidade nova de quadrícula, à criação de espaços públicos em espaços informais deixados vazios ou à própria transformação e reabilitação da relação da cidade com o rio. São estes fenómenos que caracterizam, atualmente, a cidade de Lisboa e que continuam a lançar importantes questões sobre o desenvolvimento desta, nomeadamente em espaços onde ainda existe a memória física da separação que a antiga estrada delienava.

CONFERÊNCIAS QUINTAS-FEIRAS 8, 15 DE SETEMBRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

Sintaxe Urbana

Francesc Muñoz

O fim da cidade não é só um fim em si mesmo. Ao mesmo tempo, é o princípio de outra coisa. Temos dificuldade em entender e definir o que é essa outra coisa que emerge justamente no fim do urbano. Já não é a natureza, já não é o campo, já não é o subúrbio... É a cidade multiplicada. E a paisagem urbana enche-se de objetos, de limites, de margens... de ruído. Custa ler a forma urbana como o palimpsesto que elogiam os livros de arquitetura. Mas é esse ruído visual de fundo o que dá à cidade multiplicada o seu caráter de *patchwork* e a aproxima da condição de hipertexto. Várias gerações de paisagem acumulam-se no território da periferia. Restos e vestígios de paisagem natural negociam visibilidade e identidade entre os ícones das infraestruturas viárias e a edificação isolada: camadas de paisagem, estratos de passado e presente nas margens do urbano. Envoltivos de baixa densidade. Naturezas híbridas entre preexistências agrícolas. Elementos de desenho urbano fora de lugar e contexto: postes de iluminação e passeios próprios da cidade densa sublinham uma condição urbana inexistente. A cidade de baixa densidade não é cidade. Nem é campo. O que é então?

Pedro Campos Costa (Lisboa, 1972), sócio fundador da empresa Campos Costa Arquitetos desde 2007. Vencedor de diversos prémios – Fad 2015, por Arquinfad, A.prize 2012 Exposynergy pela Trienal de Milão, Gyeonggi International Ceramix Biennale, na Coreia do Sul, Prémio Valmor, Europe 40 under 40 2012 pelo Centro Europeu para a Arquitetura, Arte e Design, Next Generation, da Metropolis Magazine, Nova Iorque, entre outros. Tem sido professor e orador em diversas universidades e editor em diferentes revistas de Arquitetura em Portugal e Itália. Em 2014, foi curador do Pavilhão Português na 14.^a Exposição Internacional de Arquitetura, La Biennale di Venezia, com o projeto *Homeland | News from Portugal*. Coautor com Nuno Louro em 2009 do Livro *Duas Linhas*.

Eduardo Costa Pinto (Lisboa, 1981), licenciado em Arquitetura Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia – Universidade de Lisboa, a sua atividade profissional teve início em 2007 e

desde então tem colaborado com diversos *ateliers*, em Portugal e Itália, entre os quais, Margem – Arquitetura Paisagista, DIRECTA Urban Management, PROAP e Promontorio Arquitetos e Campos Costa Arquitetos. Com o Centro di Architettura di Milano – ACMA – tem participado desde 2009, na qualidade de tutor, em vários seminários e *workshops*, integrado no Mestrado de Arquitetura Paisagista, desenvolvido em parceria com o Politécnico da Universidade da Catalunha (UPC).

José Sarmiento de Matos (Lisboa, 1946), olisipógrafo e funcionário do IPPC (hoje IPPAR), onde foi técnico superior e diretor de Serviços de Artes Plásticas, tendo frequentado como bolseiro do Estado o curso de História da Arte da UNL. Tem-se dedicado a estudos de História, Arquitetura e Urbanismo sobre a cidade de Lisboa. Tem elaborado variados estudos históricos e patrimoniais sobre edifícios de Lisboa e pareceres sobre intervenções em edifícios antigos, em colaboração com diversos *ateliers* de arquitetura. Alguns destes trabalhos, em colaboração com Jorge Ferreira Paulo, estão publicados nos cadernos municipais do Arquivo Histórico (*on line*). Vencedor do Prémio Júlio de Castilho, da CML, em 1994, pelo livro *Uma Casa na Lapa*; e Comendador da Ordem do Mérito Civil.

Gonçalo Byrne (Alcobaça, 1941) formou-se em Arquitetura pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e é Doutor *Honoris Causa* pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa e pela Universidade de Alghero. A sua obra, extensa e diversa, tem sido reconhecida nacional e internacionalmente pela sua expressão arquitetónica, cultural e patrimonial. Pelo conjunto desta, recebeu o Prémio AICA/SEC e a Medalha de Ouro da Academia de Arquitetura de França e, recentemente, o Piranesi / Prix de Rome (2014) pela requalificação do Museu Nacional Machado de Castro, em Coimbra. Professor Convidado em várias Universidades, entre as quais se destacam as de Coimbra, Lisboa, Lausana, Veneza, Mendrisio, Lovaina, Harvard, Pamplona, Politécnico de Milão e Alghero.

Francesc Muñoz (Cádiz, Espanha, 1968) é doutorado em Geografia e professor da Universidade Autónoma de Barcelona (UAB). Tem recebido várias distinções,

como o prémio para a melhor tese de doutoramento em atenção aos valores humanos em engenharia pela Cátedra Victoriano Muñoz Oms da Universidade Politécnica da Catalunha (2004). Tem-se especializado em planeamento urbano e estratégias territoriais. Atualmente, trabalha no desenho de projetos de intervenção e gestão da paisagem em diferentes tipos de espaços urbanos e não urbanizados. Tem participado como perito em missões do Conselho da Europa sobre estas questões e tem sido professor convidado em Universidades Europeias, designadamente, em França, Holanda, Itália, Portugal e Reino Unido, e Americanas, na Argentina ou México.

João Nunes (Lisboa, 1960) é Arquiteto Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia de Lisboa (1985), *Master* em Arquitetura Paisagista pela ETSAB – Barcelona (1996), Diretor do *Master* Internacional em Arquitetura Paisagista coordenado por ETSAB e ACMA. Em 2013 foi premiado com a 1.^a Cadeira de Excelência para a Arquitetura e Cultura do Projeto no Território do Trentino em honra de *Adalberto Libera*. É Professor Catedrático na Academia de Arquitetura de Mendrisio (2014) e *Visiting* no Instituto Superior de Agronomia de Lisboa, Politécnico de Milão e Faculdade de Arquitetura de *Alghero*. Em 2015 é *Visiting Professor* para o semestre de outono no GSD de Harvard. É fundador e CEO do *atelier* de arquitetura paisagista PROAP, que reúne um vasto grupo de profissionais numa equipa multidisciplinar, caracterizada por vários níveis de especialização em paisagem, na sua aceção mais inclusiva.

CONFERÊNCIAS QUINTAS-FEIRAS 8, 15 DE SETEMBRO · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest